

O PESQUISADOR E A RELAÇÃO COM O OBJETO NA PESQUISA: “CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: OLHARES DOS ESTUDANTES DA PEDAGOGIA NA UFFS”

BAZZOTTI, Ademir Luiz

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS
adbazzotti@gmail.com

PAIM, Marilane Maria Wolff

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS
marilanewp@gmail.com

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo:

Este trabalho constitui-se um recorte do projeto de pesquisa Curricularização da extensão: olhares dos estudantes da Pedagogia da UFFS, vinculado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Educação – PPGPE da UFFS. Uma produção realizada com o objetivo de apresentar a relação do pesquisador com o objeto de pesquisa. Tem como metodologia o estudo bibliográfico, descritivo e documental. Como resultado apresenta o pesquisador, sua trajetória, memórias, saberes acadêmicos e experiência profissional contextualizada e localizada em relação ao objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisador. Trajetória de vida. Objeto de pesquisa.

Introdução

O diálogo teórico reelabora as vivências do pesquisador. Memórias, marcas trazidas da trajetória do ser social criam a conexão entre passado e presente, conduzindo uma elaboração que reafirma conceitos e valores (FREITAS, 2004). Os saberes e as vivências não se encerram num traçado linear, mas na continuidade da relação entre o movimento real e o da consciência. O que chega ao pensamento constitui conhecimento a partir desta relação com o mundo, um ser antes de se tornar o ser da ciência, da curiosidade do sujeito investigativo que

se liga a uma síntese de processos formativos vividos, de experiências de vida, confirmados numa construção cultural.

No caso do objeto desta investigação, a extensão universitária integra o campo profissional do pesquisador numa relação considerada intrínseca e indissociável. Como trata a abordagem qualitativa da pesquisa social, a relação se faz pelo compromisso ético com todos os elementos da investigação, a qual supera a dita neutralidade entre o sujeito e o objeto.

Encontramos movimento para se tornar pesquisador com este tema e problema que não cabem no *Curriculum Vitae*, que com alguns registros auxiliam no resgate desta trajetória. No estudo com um tema familiar, Nóvoa (1995) diz que não se trata de um movimento endógeno o processo pelo qual as pessoas passam para se tornarem professores, mas que resulta da construção de identidade, da apropriação da sua história e da atuação profissional, um contexto de relações entre individualidade e totalidade.

Da memória e da experiência: algumas referências da trajetória de vida

Segundo Gadotti (2017, p. 14) “a realidade, o mundo é nosso primeiro grande educador”, de modo que a capacidade do ser humano de pensar o contexto histórico e cultural nos torna inconclusos e com possibilidades de aprender de modo permanente e continuado.

Sintetizamos quadros sobrepostos que compõem a identidade de classe social (BOSI, 2016), a partir das imagens trazidas pela memória, ante a questão: quem é, de quê marcas de história e trajetória é feito este pesquisador até chegar a este objeto de pesquisa?

O lugar é a região oeste do estado de Santa Catarina (SC), da infância e adolescência o crescimento se deu em São Miguel do Oeste, onde a família fixou moradia após a saída do campo. Este deslocamento é dado pelo fenômeno da urbanização e industrialização que marcou o país no período de 1920 a 1960, promovendo profundas mudanças nas relações sociais e de poder (FREIRE, 2020). Nesta região o período deste fenômeno concorre com a colonização e imposição da posse das terras sobre os povos tradicionais, a qual acaba afetada pelo êxodo rural a partir da crise econômica dos anos 1970 (ALBA, 2002).

Nestes tempos prevaleciam práticas educativas duras, fosse no espaço escolar, na família ou nas instituições. Conduta disciplinar da qual ser repreendido com castigo, incidia até mesmo a quem raramente se desviasse do bom comportamento. Cantar o hino e perfilar diante a bandeira constituía rotina diária. Uma sintonia com o modelo de poder vigente no

país, castração da liberdade de expressão e a repressão como método. Políticas públicas com sérios limites de acesso, o que ainda constitui-se uma gênese presente na sociedade brasileira, a qual reserva a classe trabalhadora “uma educação ambígua e de concepção adestradora” (ARROYO, 2000, p. 51).

A renda que mantinha a família deste pesquisador provém do trabalho operariado autônomo e assalariado em serviços de limpeza e manutenção. A classe trabalhadora tende a sofrer pressão para reproduzir a exigência prematura da dedicação ao trabalho, o que não deixou de afetar este pesquisador com algumas experiências informais. A esperança vem associada ao valor a ser dado à escolaridade e de algumas outras possibilidades. O desenvolvimento juvenil marcado pela prática do esporte, participação em grupo de jovens e do movimento estudantil, provável influência da vida comunitária dos genitores, além de uma breve experiência com o teatro. Possibilidades de socializar, conhecer localidades e suas formações sociais, aprender a apreciar as artes, as manifestações culturais, observar as condições humanas e algum acúmulo sobre o poder da capacidade organizativa, coletiva e solidária. Tempos de grandes conflitos, mudanças e transformações das quais as dúvidas e incertezas produziam duelos entre passado e presente, com destaque a expressão contestadora dos jovens e dos movimentos culturais, grupo que todavia também era disputado pelos interesses do mercado (BRANDÃO; DUARTE, 1990).

Na trajetória escolar deste pesquisador uma geração que acessou o ensino médio no momento da massificação do sistema educacional público para esta etapa, em meados da década de 1980. A oferta de um currículo para a formação geral que prepararia o jovem para o vestibular, coincide com o momento em que o país passa a viver a abertura democrática, cuja herança do período em superação viria a ser desvelada aos poucos e ainda assim em cenários em que os dominantes disputam a verdade e a história a ser contada.

Quando da conclusão do ensino médio deste pesquisador no final dos anos 1980 tinha na realidade para a maioria dos jovens da época: buscar vaga de trabalho num mercado que exigia experiência, a qual não considerava o trabalho informal. O primeiro trabalho formal, aquele possível. Na época, jovens da classe trabalhadora não cogitavam curso superior. Dentre os motivos consistia: custo das mensalidades; distância das instituições públicas; e até a falta de informações sobre as possibilidades. A educação superior era vista como destino para aqueles com poder aquisitivo. Da indicação de um amigo veio a aprendizagem no Serviço Nacional da Indústria – SENAI e em seguida outras experiências de trabalho.

Depois de algumas andanças deste pesquisador, ainda na juventude, se dá com o acesso a uma vaga de trabalho numa organização classista. Daí passa a refletir e decide investir quase a totalidade da renda num curso superior, condição a qual poderia proporcionar novas oportunidades ante o incerto que estaria por vir. Diante de apenas dois cursos existentes na cidade a escolha recai sobre a Pedagogia. Uma reflexão marca o pesquisador, o que poderia ter se tornado escolha diante das hipóteses: a) do aproveitamento escolar seria a área das tecnologias ou das ciências tidas como “exatas”; do que desejava, seria pela educação física; e, diante o olhar crítico da realidade, prevaleceu a afinidade possível. Uma situação para pensar sobre esta capacidade humana de analisar e agir para o futuro, de viver um projeto, um diálogo que requer o compromisso individual ante a causa coletiva, assim como a “adequação intencional do real ao ideal” (VEIGA; VIANA et. all., 2012, p. 23).

A Pedagogia proporciona formação ao pesquisador, promove a inserção científica e dela viria a condição para outras oportunidades de trabalho. Aprimora conhecimentos críticos aprendidos através da participação social, fundamenta os conceitos sobre a educação sob a ótica do neoliberalismo vigente nos anos de 1990, período forte de privatizações, e as implicações disso para uma educação com caráter de serviço. Os impactos se apresentam na própria instituição com aumento da mensalidade sob o argumento da qualidade. Contraditórias porém, as ideias do mercado ganhavam força e serviam também ao chamado terceiro setor (PEREIRA, 2018), definição formal para caracterizar aquela instituição frequentada pelo pesquisador. Sob a experiência do trabalho observava e aprendia sobre as mudanças, discutidas no movimento sindical. No período se constituía a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB (BRASIL, 1996), objeto muito estudado. Elaboraões e estudos que formaram este sujeito-pesquisador como pedagogo e contribuíram para afirmar sua identificação com as teorias críticas e progressistas da educação. Muita aprendizagem nos espaços representativos constituídos na recente universidade que se formava. Participação em projeto de pesquisa, em eventos científicos e dali a fala de um docente a incentivar a buscar do mestrado, um singelo momento registrado na memória.

Do acesso a especialização, um cenário de ampliação da rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica, realizado uma década após a conclusão da graduação, já trabalhando em Chapecó, Santa Catarina lugar de muita dedicação para se constituir pedagogo na área social, um espaço de educação não-formal. Com intervalos para atuar como gestor municipal no Esporte e Lazer e outro numa unidade social de uma organização do terceiro setor,

experiências com sentido do que nos acontece e não o que nos passa, do que nos toca e permanece, que problematiza a dicotomia entre o saber acadêmico (formal) e o obtido pensando sobre o fazer (LARROSA, 2002). Uma década de atuação no serviço público, compromisso família ampliado, aciona o colocar-se em questão, pensando sobre outras oportunidades. As participações em ações formativas contribuíram com o entendimento das políticas públicas e as questões específicas, porém sem a característica da continuidade.

Na ampliação da rede federal, já em 2014 o pesquisador torna-se servidor técnico-científico em educação, Pedagogo no Instituto Federal Catarinense (IFC). Desafios de ambientação ao espaço educacional o faz a partir da experiência e do estudo teórico da educação politécnica e das orientações didáticas institucionais.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Retoma-se o contato com a vida acadêmica e as ações de ensino, pesquisa e extensão. Nova fase para o pesquisador e após três anos na UFFS, atuando na unidade de gestão da extensão, constitui-se num comprometimento com o que este elemento da tríade universitária representa para uma educação superior inclusiva e de qualidade referenciada socialmente. Daí o sentido da relação com a extensão enquanto objeto de pesquisa: contribuir com a teoria a partir do fazer, constituir uma perspectiva de desenvolvimento profissional, pessoal e da realização de um sonho. Um pesquisador que se faz em tempos de pandemia, dos impactos desta na vida da humanidade e das adequações exigidas pela mesma.

Considerações Finais e resultados parciais

Este pesquisador se faz continuamente enquanto sujeito, diante de uma trajetória e numa construção marcada pelo processo formativo. Por se dar num movimento de busca, a elaboração de novas trajetórias pode ser considerada contínua, como concebemos a capacidade de humanizar-se. Neste momento em que o sujeito se constitui pesquisador, o mesmo se vincula com o objeto de investigação numa construção para o conhecimento com sentido de humanização e consciência social da coletividade.

Referências

- ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002. 184 p.
- ARROYO, Miguel G. Humana docência. In: **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 50-67.
- BOSI, Ecléa. Memória-sonho e Memória Trabalho; Tempo de Lembrar. In: **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 43-90.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. 12. ed. [Coleção Polêmica]. São Paulo: Moderna, 1990. 120 p.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm, acesso em 31maio-2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. 189 p.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia da Conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2004.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf, acesso em 18maio-2021.
- LARROSA Bondía, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, jan/fev/mar/abr-2002. p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>, acesso em 13ago-2021.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. In: **Vidas de professores**. NÓVOA, António (Org); HUBERMAN, Michaël; GODSON, Ivor F.; HOLLY, Mary Louise; MOITA, Maria da Conceição; GONÇALVES, José Alberto; FONTOURA, Maria Madalena; BEN-PERETZ, Miriam. Tradução: CASEIRO, Maria dos Anjos; FERREIRA, Manuel Figueiredo. 2. ed. Coleção Ciências da Educação. Porto – Portugal: Porto Editora, 1995. p. 11-62.
- PEREIRA, Leoclécio Dobrovoski Silva. **Crise nas licenciaturas e a luta pela educação no Brasil**. 1. ed. Uberlândia (MG): Navegando Publicações, 2018. 173 p.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá. Formação de Professores: um campo de possibilidades inovadoras. In: **A escola mudou. Que mude a formação de professores!** Ilma Passos Alencastro Veiga, Edileuza Fernandes da Silva (orgs.) 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 13-34.